

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 7, Número 1, Jan.-Jun., 2018

O MENINO QUE FORMOU O HOMEM: MEMÓRIAS INFANTIS E ESCRITA DE SI NA OBRA *INFÂNCIA* DE GRACILIANO RAMOS



THE BOY WHO BUILT THE MAN: CHILDREN'S MEMORIES AND SELF-WRITING IN THE WORK *INFÂNCIA* BY GRACILIANO RAMOS

Olívia Bruna de Lima Nunes
UECE, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 24/08/2017 • APROVADO EM 18/05/2018

Abstract

Born on October 27, 1892 in the city of Quebrangulo, Alagoas, Graciliano Ramos alternated his childhood days in the northeastern cities of Viçosa, Palmeira dos Índios (AL) and Buíque (PE). Places marked by drought, climatic and affective, making his childhood a turbulent phase, an aspect that is strongly present in his memorialist writing. Based on this, the present article analyzes the compositions of the memories contained in the stories of the work *Childhood* of the literary Alagoan. The focus of our analysis is the author's infantile memories-images and the way the I speaks of Self, showing the articulation between yesterday and today, between the real and the specific fictitious of intimate writings.

Resumo

Nascido no dia 27 de outubro de 1892 na cidade de Quebrangulo, Alagoas, Graciliano Ramos alternou seus dias infantis pelas cidades nordestinas de Viçosa, Palmeira dos Índios (AL) e Buíque (PE). Locais marcados pela seca, climática e afetiva, tornando sua infância uma fase turbulenta, aspecto este que se encontra fortemente presente em sua escrita memorialística. Com base nisso, o presente artigo analisa as composições das memórias contidas nos contos da obra *Infância* do literato alagoano. O foco de nossa análise são as lembranças-imagens infantis do autor e o modo como o *Eu* fala de *Si*, mostrando a articulação entre o ontem e o hoje, entre o real e o fictício específico das escritas intimistas.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Memories. Childhood. Writing for you.

PALAVRAS CHAVE: Memórias. Infância. Escrita de si.

Texto integral

INTRODUÇÃO

A Infância é tida pelo senso comum como a fase da vida humana voltada ao lúdico, à brincadeira, a fase em que se é permitido viver no mundo do *Era uma vez* e do *faz de conta*. Por outro lado, é pertinente o discurso de que a criança deve se formar enquanto sujeito desde cedo, o que condiciona pais e educadores a inseri-las num sistema de normas, condutas, saberes e valores sociais.

Conflitos à parte, destaca-se que esse conjunto operacional, de imaginações e vivências reais, componentes das memórias da infância, pode ser pensado como constituinte de nossa identidade, visto que apresentam os nossos referenciais, expressam um pouco daquilo que somos, além de por representar parte das nossas sensações e experiências vivenciadas em tempos longínquos.

No entanto, não podemos perder de vistas o seu caráter imaginativo, fruto de sonhos, devaneios e libertações de imagens. As memórias devem, além de tudo, serem concebidas como a flutuação entre o real vivido e o real imaginado, o que fica compreensível a partir da análise apurada dos contos que compõe a obra *Infância* do escritor alagoano, Graciliano Ramos.

Narrada na 1ª pessoa do singular, a obra reúne trinta e nove contos “publicados em jornais, revistas e suplementos do Rio de Janeiro e Lisboa, entre os anos de 1938 a 1944, aproximadamente” (PEREIRA, 2011, pág. 1). Em sua totalidade, utiliza como matéria-prima os fatos de uma infância desmistificada, na

qual “o menino protagonista habita o *locus horrendus*, um universo hostil e opressor em que são raros os espaços de prazer e encanto” (PEREIRA, 2011, pág. 2). Isso é um demonstrativo de que seus escritos afastam-se da nostalgia em torno do passado e do tom narcísico, recorrentes em escritas intimistas.

Na composição de suas memórias, figuram o diálogo entre vivências reais e elementos fictícios, processo em que predomina “a lucidez e a serenidade de um narrador que avalia o passado sob a luz do presente” (BEZERRA, 2012, pág. 5). Entre o resgate da memória e a composição fictícia, Graciliano confessa suas recordações, ao mesmo instante que as revive por meio do menino-personagem, objetificando “o garoto de outrora para compreender-se o adulto do presente” (BEZERRA, 2012, pág. 6).

O corpo apresenta-se como limite físico da memória, enquanto que a escrita tem o potencial de exterioriza-la. Nesse processo de introspecção, de olhar para dentro de *si* e “evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (BERGSON, 2010, pág. 90). O literato que narra suas memórias realiza a abstração do hoje e viaja nos labirintos das lembranças deixando aflorar as minúcias de sua vida passada.

Partindo desses elementos, propõe-se aqui uma leitura acerca das lembranças-imagens construídas por Graciliano nos contos da obra *Infância*, bem como, o modo como o *Eu* fala de *Si*, mostrando a articulação entre o ontem e o hoje, entre o real e o fictício.

IMAGENS DA INFÂNCIA E CONSTRUÇÃO DO EU

Conforme Bergson (2010), as memórias relatadas pelo literato consistem em registros de imagens-lembranças armazenadas naturalmente a partir de suas percepções e/ou experiências. São, portanto, distintas das memórias por repetição, voltadas para a ação.

Baseado nos escritos de Walter Benjamin sobre Proust, Sybil Safdie Douek acrescenta que a memória evocada pela inteligência, o que ele chama de Memória voluntária, nada pode informar sobre o passado. “Só a partir de um encontro fortuito com um objeto do passado e com a sensação que ele nos despertou e nos desperta hoje é que a memória involuntária é capaz de ressuscitar o passado, de fazê-lo reviver hoje” (DOUEK, 2003, pág.101).

Os mecanismos motores da memória seriam, desse modo, incapaz de trazer a tona os sentidos, os significados em torno das sensações vivenciadas. “Para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, além dos fatos, valores” (BACHELARD, 1988, pág. 99), ou seja, as marcas indeléveis que as imagens do passado imprimiram nas paredes da memória. A memória involuntária é ativada, como num *click* quando se vê diante de uma imagem/objeto minimamente marcante, sumariamente significativo.

Durval Muniz nos alerta que “na memória fica o que significa” (ALBURQUERQUE JR, 2007, p. 207), e no caso específico de *Infância*, as recordações são permeadas por sentimentos penosos, decorrentes de tudo o que absorveu daqueles que o cercava. Tal elemento torna *Infância* uma obra aparentemente pessimista, negativa, cuja realidade vivida pelo autor em tempos infantis reveste-se de tom entristecido.



Os recortes de suas memórias trazem à tona cenas fortes e dolorosas, além de virem acompanhadas, por vezes, por uma consideração autodepreciativa de sua imagem, a exemplo do que podemos verificar no conto *Um cinturão*. Neste, Graciliano diz ter tido contato com a justiça de modo doloroso, figurando como réu no caso do sumiço do cinturão de seu pai, momento que lhes rendera lembranças traumáticas, registrando na memória do homem que escreve, o pavor do menino assombrado pelos gritos de seu pai. O tormento lhe recolhia numa sensação de insignificância: “e ali permaneci, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra” (RAMOS, 1984, pág. 35).

Essa sensação de pequenez, de insignificância e aproximação ao mundo animal é uma forte marca de seu livro, que, além disso, apresenta uma ânsia por liberdade, um desejo pelo “voo livre” como o do pássaro, um desejo pela vida, ainda em analogia ao mundo não humano. “Observávamos pedaços de vida, namorávamos o oitão da outra gaiola, aberta, e tínhamos inveja imensa dos Sabiás pequenos, desejávamos correr e voar com eles” (RAMOS, 1984, pág. 60).

A privação de sua liberdade, comparada à gaiola, era rompida por escassas brincadeiras, “habitat natural” dos devaneios, dos delírios, da fuga da realidade, o encontro com o prazer infantil. O sossego era encontrado diante do agito da brincadeira, distante da dura vivência da repressão, dos castigos, punições ou imposição de disciplina. Por vezes, a postura de Graciliano mediante os castigos da dura infância se mostra conformista, no sentido de não confrontar, nem por atos, nem por palavras, a autoridade que lhes era direcionada.

Vê-se fadado ao fatídico acaso, muito mais propício à constância do sofrer, do insucesso e da desgraça: “ainda hoje suponho que os meus poucos acertos e numerosos escorregos são obras de um destino irônico e safado, fértil em astúcias desconcertantes” (RAMOS, 1984, pág. 98). Um destino que sempre lhe reservava momentos dolorosos e angustiantes, seguidos pela resignação e o recolhimento. Este último, por seu turno, implicava nos momentos em que sua mente divagava, e sua imaginação, assim como os pássaros que saíam da gaiola, batiam as asas e voavam longe.

Os devaneios criativos do menino Graciliano tomam forma na escrita do Graciliano homem, conforme podemos verificar no seguinte fragmento:

Divagava imaginando o mundo coberto por homens e mulheres da altura de um polegar de criança. [...] penso que minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas. Esse povo mirim falava baixinho, zumbindo como as abelhas. Nem palavras ásperas

nem arranhões, cocorotes e puxões de orelhas. Esforcei-me por dirimir as desavenças. [...] Nada de zangas. Impedidos os gestos capazes de motivar lágrimas (RAMOS, 1984, pp. 99- 100).



O Universo paralelo criado pela força imaginativa lhe proporcionava situações de conforto, de fuga da realidade. Nele encontrava seu consolo, e por ele expressava os desejos mais urgentes, de uma vida amena, na qual a liberdade e o apreço por sua pessoa fosse questão relevante.

Seus sonhos amenizavam o tormento, traziam lapsos de otimismo e repouso, com os quais criava um mundo cuja realidade confrontava com aquela de seus dias infantis: cruel e permeados de obstáculos à felicidade; um mundo que não lhe proporcionava grande conforto e no qual se deparava com os desgostos decorrentes do pouco afeto que lhe era dedicado.

A infância construída na narrativa da obra é marcada pela solidão e ânsia pela liberdade, alcançada por meio de devaneios, que segundo Bachelard: “na nossa infância, o devaneio nos dava a liberdade. E é notável que o domínio mais favorável para receber a consciência da liberdade seja precisamente o devaneio” (1988, p. 95), pelo qual se aventurava por vidas que não foram verdadeiramente vividas e constrói imagens de um mundo idealizado.

De modo semelhante, as memórias da infância também se fazem presentes na vida adulta através de devaneios, a porta para a liberdade imaginativa em que há o afloramento das idealizações de criança. É nesse momento que se revive o passado, formulado pela imbricação memória e imaginação, e não tão somente a rememoração do percebido empiricamente. O devaneio é a morada do passado enquanto imagem significativa.

Os caprichos da imaginação fazem emergir os sonhos mais profundos, e, por conseguinte, não necessariamente reais, não têm a obrigatoriedade de incidir numa temporalidade concreta. As lembranças podem vir a ser estacionais, “o inverno, o outono, o sol, o rio de verão são raízes de estações totais. Não são apenas espetáculos pela vista, são valores da alma, valores psicológicos diretos, imóveis, indestrutíveis” (BACHELARD, 1988, p. 111).

Exemplo disso é o conto *Manhã*, o qual apresenta: “mergulhei numa comprida manhã de inverno. O açude apoiado, a roça verde, amarela e em riachos, ficaram-me na alma. Depois veio a seca” (RAMOS, 1984, pág. 20). A seca remete o autor à lembranças desgostosas, convertendo-se num trauma, posteriormente tranquilizado, como fora expresso no trecho seguinte: “naquele tempo a escuridão ia se dissipando, vagarosa. Acordei, reuni pedaços de pessoas e de coisas, pedaços de mim mesmo que boiavam no passado confuso, articulei tudo, criei o meu pequeno mundo incongruente” (RAMOS, 1984, pág. 20).

As demarcações temporais em vários de seus contos não são precisas, e nos casos acima, as referências ao tempo remetem a momentos de dificuldades, enfatizando que em seu processo produtivo, Graciliano busca como fonte de

inspiração aquilo que lhe motivou angústias e aflições, resultando, pois, numa obra que reúne arte e dor, o real e a ficção.

Essa articulação é um importante elemento nos escritos literários classificados como intimistas, que, de acordo com Paula Morão, são escritos que tratam

da representação de um sujeito empírico, histórico e verdadeiro (quer dizer, com uma vida civil documentada), mas que se representa através de processos narrativos entre o testemunhal e o ficcional, numa gradação nem sempre fácil de destrinçar (MORÃO, 2011, pág. 52).

Entre o real e a ficção, em *Infância*, a pessoa que fala é a mesma da qual se está falando, portanto, a obra apresenta-se enquanto uma construção de si, a partir da linguagem. O *Eu* que fala de si realiza um processo de mergulho interior em busca do contato com o seu íntimo. Desse modo, na escrita de seus contos, o Graciliano adulto contempla as imagens do Graciliano menino, tomando o próprio *Eu* como objeto de conhecimento.

As lembranças tornadas imagens por meio da escrita retratam um menino visto pela ótica do adulto, o que corrobora com uma narrativa de cunho subjetivo, entrecruzando imaginação e memórias.

Assim, nos deparamos com uma criança que sobrevive à infância desnudada, dura e crua, distante do mundo dos *contos de fada* e que se torna escritor de renome, muito embora seus primeiros contatos com o mundo das letras tenham se dado de modo doloroso. A escrita registra que em suas memórias infantis figuram a impaciência com que seu pai o ensinou, o medo que lhe atormentava a lição, a resignação e o mal estar com o quais encarava tudo isso, a que ele nomeia de “escravidão” e “tarefa odiosa”.

Ainda que se sentisse injustiçado pelo fato de seu pai lhe impor instrução, inicialmente em casa, e posteriormente, na escola, o menino de quem se fala mostrava-se recolhido e silencioso: “não me defendi, não mostrei as razões que me fervilhavam na cabeça, a mágoa que me inchava o coração. Inútil qualquer resistência” (RAMOS, 1984, pág. 114).

O homem já constituído, que encontra prazer na escrita, refere-se ao seu aprendizado como mais um momento pouco atrativo à criança que fora. Por meio de suas narrativas, se constrói como um sujeito desmerecido, assegurando ter “o juízo fraco” (RAMOS, 1984, pág. 198) e que “nunca revelara nenhum gênero de aptidão” (RAMOS, 1984, pág. 118), enfatizando uma imagem de infância que destoa daquela romantizada, que enaltece o aprender da criança como uma fase bela, de plena euforia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A escrita íntima é uma recriação individual do mundo: por ela, o sujeito situa-se no universo, ordena sua vida na escrita como quem arruma a casa, e sacraliza o seu universo” (ROCHA, 1992, pp. 53-54). Com base nisso, podemos inferir que em sua obra, Graciliano reconstrói o seu mundo e se situa no Universo levando em consideração suas maiores angústias, frustrações, dores e remorsos.

Qualifica-se de forma depreciativa, desconsiderando sua formação enquanto ser humano. O menino tornado homem, fala de si como um animal em desenvolvimento, submetido a castigos físicos de naturezas diversas: cascudos, chicotadas, puxões de orelha, bolos. Agressões que lhe causavam sofrimento e dor, porém, suportadas em seu silêncio e recolhimento, por dizer-se não habilidoso à violência. Agressões que se justificavam pela autoridade que seus pais exerciam sobre ele.

“A obra *Infância* projeta a revivescência dos traumas infantis que em nada correspondem ao corolário feliz de uma época, naturalmente, apreciada por ‘lentes’ saudosistas” (BEZERRA, 2012, pág. 15). Uma visão não fantasiosa, que beira ao fatalismo, mostrando-se, desse modo, como um adulto que traz consigo as cicatrizes de uma meninice lamentável.

No lugar da idealização de uma infância bela, o diálogo estabelecido entre o real e a ficção na busca por construir a si mesmo, apresenta uma criança sofrida, um *Eu* que carrega imagens que não causam fascínio. A beleza de *Infância* encontra-se justamente na narrativa, na forma como o *Eu* fala de *Si*; o fascínio que Graciliano deixa à posteridade é a forma como ele promove esse mergulho interior, e se coloca como objeto de análise. Como o adulto olha para o seu passado de memórias infantis.

Referências

ALBURQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: _____. **História A arte de inventar o passado: Ensaio de teoria da História**. Bauro, SP: Edusc, 2007.

BACHELARD, Gaston. Os devaneios voltados para a infância. In: _____. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. pp. 93- 137.

BEZERRA, Ana Cristina Pinto. Um olhar sobre as “infâncias” nas narrativas de Graciliano Ramos. In: **Revista Desenredos**. Ano IV, n. 14. Teresina. Jul/Ago./Set. 2012. Disponível em: <<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/14-Artigo-AnaCristina-Infancias-GracilianoRamos.pdf>>. Acesso em: 29 de Jun. de 2016.

BERGSON, Henri. Do reconhecimento das imagens. A memória e o cérebro. In: _____. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves. 4. ed.

São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. pp. 83- 153.

DOUEK, Sybil Safdie. Memória involuntária, esquecimento e rememoração. In: _____. **Memória e Exílio**. São Paulo: Escuta, 2003.

MORÃO, Paula. O Secreto e o Real- Caminhos contemporâneos da autobiografia e dos escritos intimistas. In: _____. **O Secreto e o Real-** ensaios sobre Literatura Portuguesa. Lisboa: Campo da comunicação. 2011.

PEREIRA, Maria Betânia Almeida. Memórias de infância em Graciliano Ramos. In: **V ENLETRATE**, Campo dos Goytacazes- RJ. Anais. 2011. Disponível em: <<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrate/article/view/2042/1198>>. Acesso 10 de Jun. de 2016.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 19ª ed. Rio, Record, 1984.

ROCHA, Clara. **Máscaras de Narciso**: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina. 1992.

Para citar este artigo

LIMA NUNES, Olívia Bruna de. O menino que formou o homem: memórias infantis e escrita de si na obra *Infância* de Graciliano Ramos. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 1., JAN-JUN, 2018, p. 90-97.

A Autora

Olívia Bruna de Lima Nunes é graduada em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, campus da Universidade Estadual do Ceará- UECE (2015). Aluna do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central- FECLESC, campus da Universidade Estadual do Ceará- UECE.